AXÉUNILAB: REVISTA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE LINGUAGENS NA LUSOFONIA
São Francisco do Conde (BA) | vol.02, nº 01| p.369-376| jan./jun. 2026

O PÔR-DO-SOL VERDE: TRAJETÓRIAS INTERGERACIONAIS DE DUAS *MULHERES RAÍZES* NO CONTEXTO DAS LUTAS DE INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ-BISSAU[1]

Avelina Satu Silá
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
ORCID iD https://orcid.org/0009-0003-2421-7212

Em bons e maus tempos são as mulheres que sustentam as casas e os lares. Assim como o cérebro precisa do sangue rico em oxigênio vindo do coração através das veias carótidas para funcionar, as mulheres são os pilares que erguem a terra. Mulheres, oh mulheres! Eis mãe, filha, protetora, cuidadora e a representação do amor. Historicamente, as mulheres negras se constituem como a estrutura fundamental de sustentação dos lares, das comunidades e das memórias coletivas na África e em suas diásporas. Como engrenagens e pilares essenciais que erguem a terra, suas vivências atravessam tempos de paz e de conflito, revelando táticas contínuas de cuidado, resistência e manutenção da vida.

Este ensaio traça as linhas entre as trajetórias intergeracionais de duas mulheres guineenses – Aramata Djassi e Satu Indjai (mãe e filha) –, articulando suas narrativas existenciais aos aportes teóricos pós-coloniais, feministas negros e decoloniais. Sou parte da terceira geração destas mulheres, neta de Aramata, filha de Satu Indjai. É deste lugar que construo essa narrativa, que reflito sobre as memórias ligadas e compartilhadas com essas mulheres e, de certa forma, com de outras mulheres guineenses.

Em termos conceituais o ensaio ancora-se na tríade conceitual composta pela *Escrevivência*, de Conceição Evaristo (2020); pelo *Luto das Mães Negras*, formulado por Fabiana da Silva Carneiro (2019); e pelas *Mulheres Raízes*, concepção de Luciana Dias, Carlos Eduardo Henning e Cristiane Souza (2020).

A perspectiva da *Escrevivência* (EVARISTO, 2020) nos permite compreender que o ato de narrar a própria história supera o registro biográfico individual, configurando-se como uma "escrita de nós" - um testemunho coletivo gravado tanto na memória quanto no próprio corpo. Essa inscrição corporal reflete-se na trajetória de Aramata Djassi, ex-combatente da guerra de libertação nacional da

[1] Ensaio apresentado como trabalho final do Laboratório de Ciências Sociais e interseccionalidade, componente obrigatório do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, ministrado pela professora Cristiane Santos Souza, em 2026.1.

Guiné-Bissau, cujas cicatrizes e memórias personificam a força física e as marcas históricas exigidas das mulheres no continuum entre a opressão colonial e a insurgência.

Por sua vez, a discussão sobre o *Luto e a Violência Racista* (CARNEIRO, 2019) ilumina as fraturas impostas ao maternar negro diante das estruturas coloniais e de vulnerabilidade. As perdas sucessivas de filhos vivenciadas por Aramata e a subsequente necessidade de delegar a criação dos sobreviventes revelam a dor do luto como trauma, mas também a sua conversão em tática de proteção. Essa força protetiva reaparece na geração seguinte com Satu Indjai, que canaliza as ausências da infância para blindar seus descendentes, transformando o afeto e a dedicação maternal em um escudo contra a precarização social.

Por fim, o conceito de *Mulheres Raízes* (DIAS; HENNING; SOUZA, 2020) posiciona as mulheres negras como guardiãs e transmissoras de saberes ancestrais. Essa ancestralidade expressa-se no manejo da terra, na produção tradicional do sabão preto, no uso de ervas medicinais e na preservação da cosmologia comunitária mesmo no contexto urbano de Bissau. Além disso, manifesta-se no cuidado com o *Orí* (cabeça/destino) das novas gerações, em que o desejo não realizado de obter um diploma formal é ressignificado na projeção do sucesso e na mobilidade social de seus filhos.

Aramata Djassi - experiências de uma ex-combatente



Fotos 1 e 2. Aramata Djassi em dois tempos.
Fonte: Acervo familiar, Silá, 2026.

Aramata Djassi mulher batalhadora, nasceu aos 20 de março de 1946 em Caiar – sector de Catió, região de Tombali, sul de Guiné-Bissau –, filha de Muscuta Djassi e de Bacar Djassi, pertencente a etnia nalu.

Uma casa cheia de crianças e risos, uma família feliz era o troféu que Aramata tanto desejava. Da varanda de sua casa avistar o pôr-do-sol e a brisa do vento suave batendo nas folhas do coqueiro e da mangueira era a vida que queria ter para acalmar o som das metralhadoras que viraram ritmo no seu coração. Aramata foi uma ex-combatente da luta pela libertação da Guiné-Bissau, luta que marcou o começo de uma nova era próspera. Ela não tinha medalhas de honra penduradas na parede. Tudo que restava eram memórias vivas presentes em seu corpo, as cicatrizes e sua farda.

Por ter nascido na época colonial teve de se alistar cedo no exército, sem preparação contava com a sorte para sobreviver. Ela relata que "*a primeira vez que segurei uma arma e atirei parecia que meus tímpanos iam explodir de tão alto que era o barulho*", mas por ser pequena e fraca saiu da linha de frente e passou a servir de transportadora de munição. Sobre isso, Aramata lembra que *"as caixas eram tão pesadas que parecia que ao botá-las na cabeça eu ia quebrar."*

Logo após a oficialização da independência, em setembro de 1974, Aramata voltou para casa e tomar conta de seu marido Malam Indjai e seu filho ainda pequeno de nome Seco Indjai, pouco tempo depois deu à luz a sua filha Satu Indjai, mas infelizmente depois dos dois todos os seus filhos nasciam doentes e faleciam pouco tempo depois. A perda recorrente dos filhos fez com que começassem a surgir rumores de que ela tinha problemas com "espíritos malignos" e a solução encontrada foi entregar os filhos para outra pessoa criar, a Mansata, mais conhecida por Dona Iauncoi, a outra esposa de seu marido. Foi com ela que ficou seus dois filhos, Seco e Satu Indjai.

Após esse período, a vida parecia correr bem até que ela sofreu um acidente na cozinha, o que a deixou com queimaduras de primeiro grau. Devido a isso, Aramata teve de deixar sua casa e família para trás para buscar tratamento numa outra tabanca saiu de Tombali de baixo para Cabedo (aldeias do sul do país). Distante da família, os anos se passaram e as feridas cicatrizaram, mas a sua saúde já tinha sequelas. Aos poucos foi retomando o contato com os filhos que cresceram e aos poucos foram deixando a tabanca (aldeia) para morar em Bissau. Aramata passou vários anos nessa tabanca onde trabalhava como costureira tradicional –

costureira que produz suas costuras só com as mãos, sem uso da máquina – tirava óleo de palma (dendê), pescava, mariscava e, ainda por cima, fazia sabão preto tradicional.

Mudou-se para Bissau, em busca de melhores condições de tratamento e também para se apresentar como ex-combatente no programa do governo que paga subsídios aos ex-combatentes através do ministério dos combatentes da liberdade da pátria. Em Bissau, ela foi morar com o filho mais velho, Seco, no bairro militar. Sobre esse momento fala que "*quando cheguei na casa do meu filho vi sua esposa e filhos, fiquei feliz por ter netos*". Na altura o bairro tinha bastante vegetação e plantações, ela podia fazer algo que gostava, buscar ervas para fazer chá e remédios caseiros para todos a fim de ajudar os que precisam.

Os anos foram passando e às cicatrizes dos tempos da luta armada foram se somando às marcas do tempo do envelhecimento para Aramata e junto os problemas de saúde foram se agravando. Hoje minha avó vive com sua filha Satu, desfrutando do carinho dos seus netos.

Satu Indjai (representação de coragem, sacrifícios, carinho e esperança)



Fotos 3 e 4. Satu Indjai em dois tempos.
Fonte: Acervo familiar, Silá Djaló, 2023.

Satu Indjai, nasceu em 10 de maio de 1975 em Cabacera, Tombali de Baixo, uma tabanca do interior, filha de Aramata Djassi e de Malam Indjai, que constituíam uma família grande de classe média, que possuía campos e terras férteis perfeitos para a lavoura e o pasto. Por causa da doença de sua mãe Aramata,

Satu foi criada pela madrasta, Mansata. Desde criança precisou ajudar os pais no trabalho para garantir o sustento da casa. Minha mãe, por ter nascido alguns anos após a independência do país, conseguiu estudar até a quarta série, mesmo com todas as dificuldades nunca deixou a sua vontade de crescer e se tornar "alguém melhor" na vida mudar.

Com o passar dos anos, Satu cresceu e se tornou uma mulher linda, forte e batalhadora. Como outras meninas de sua geração, não conseguiu continuar a estudar porque na sua tabanca as escolas só lecionavam até quarta série. A possibilidade de continuar os estudos se foi e o tempo seguiu seu rumo. Em maio de 1997, ela casou-se com Tonecas Silá, jovem professor e técnico estatístico que trabalhava num projeto chamado PIRST (projeto de iniciativas rurais sustentável de Tombali) desenvolvido na região de Tombali (no sul do país), o projeto focava no desenvolvimento comunitário sustentável e na segurança alimentar. Teve como um dos seus principais parceiros e executores a organização não governamental internacional **Africare**. Após o casamento, eles se mudaram para Cabedu, na região Tombali, onde permaneceram por dois anos.

Em 1999, depois do período em Cabedu, se mudaram para Bissau, onde passaram a morar no bairro de Belém. Lá eles tiveram a primeira filha, Ramata, mais conhecida por Tulai, nome em homenagem à sua mãe. A maternidade pela primeira vez foi marcada por dificuldades e provações, já que não tinha uma rede familiar por perto para lhe apoiar. Como a vida na cidade é diferente e mais difícil em relação a vida na tabanca, Satu precisou arranjar uma fonte de renda para ajudar a manter a economia da família. Ela começou a fazer o comércio de óleo de palma (óleo de dendê) que aprendeu a produzir quando ainda era criança e do sabão preto oriundo do sul do país (excelente para os cuidados da pele e beleza). Ao longo de três anos, enquanto fazia o comércio também aprendia a fazer artesanato, fazia tricô, costurava roupas e trançava cabelos.

No ano de 2003, ela se despediu de seu pai, que faleceu. Dois anos depois, em 2005, eu nasci, sua segunda filha. Meu nome de batismo cível é Avelina, porém como é comum em nossa tradição, tenho um nome de família Fatucha, meu primeiro nome se deu em homenagem à prima cabo-verdiana do meu pai, Avelina Fatima Semedo Djaló. Três anos depois teve seu primeiro filho ao qual deu o nome do seu falecido pai, Malam Junior. O tempo seguia seu curso e a família ia crescendo e os custos aumentando, tornando cada vez mais difícil a sobrevivência.

Enfrentando os altos e baixos, Satu foi adaptando-se à vida na cidade sem nunca esquecer o sonho de um dia ter um diploma. Para enfrentar o mundo o relógio e o despertador perderam a funcionalidade, acordar e dormir se tornaram meros luxos e caprichos, entre acordar cedo para preparar o café da manhã e levar os filhos para a escola e abrir a sua barraca para vender suas produções, o tempo passava num piscar de olhos, no fim do dia dizia: *"eu me esforço tanto para dar aos meus filhos o melhor de tudo que eu nunca tive muito amor, atenção, carinho e segurança".* Na altura, as escolas para crianças ou eram creches ligadas à igreja ou eram escolas tradicionais, chamadas "escolas de banco"[2]. Embora as mensalidades nas creches fossem mais altas podiam proporcionar um ambiente mais acolhedor para um bom aprendizado, enquanto as "escolas de banco" proporcionavam uma base sólida aos alunos. Então, ela mandava seus filhos para as duas, uma de manhã e outra à tarde.

Foto 5. Satu.



Fonte: Acervo familiar, Silá Djaló, 2022.

[2]Escola de banco é uma escola simples onde os alunos levam as suas próprias cadeiras (banco) daí o nome e funciona como uma espécie de aula de reforço onde o ensino é muito mais severo que nos jardins tanto na compreensão da língua portuguesa a gramatica assim como na matemática.

Enquanto conversávamos, ela compartilhando suas memórias desta época com sorriso largo que emoldurava seu rosto que deixava escapar o amor. Entre uma história e outra deixa registrado que

> por minhas duas filhas terem a pele mais clara eu tinha de me dedicar na educação delas a fim de terem um futuro brilhante um dia, lembro que toda tarde quando largava o trabalho para ir buscá-las na escola eu ficava feliz de ver elas no uniforme escolar com os cabelos trançados com presilhas coloridas sorrindo e dizendo mamãe todo o meu cansaço sumia num piscar de olhos e pensava minhas futuras doutoras. (Satu, 2026)

O tempo passou, os filhos cresceram, graças a benção de Deus, teve mais uma filha, em 2016, chamada Eliza em homenagem à mãe do seu marido. Sobre isso, me disse que *"eu queria ter mais um menino para dar um companheiro ao meu filho, mas acabou sendo uma menina".* Com a vida mais equilibrada e os filhos já crescidos, Satu retomou seu sonho de infância, os estudos, num programa que permitia que os adultos estudassem à noite e assim continuou os estudos até a sétima série, mas devido a problemas na visão não conseguiu ir mais adiante e com o tempo também parou de costurar e tricotar. Perdendo sua fonte de renda teve de procurar uma nova, passando a trabalhar como pessoal menor numa ONG ligada às Nações Unidas.

A vida segue seu ciclo, sua filha mais velha, hoje residindo em Lisboa Portugal, casou-se em 2022, dando a Satu seu primeiro neto em (2021). Sua segunda filha encontra-se estudando no Brasil, seu filho terminou o ensino médio e, atualmente, está cursando ciência da computação em Bissau e a mais nova está estudando a quinta série.

Entre sonhos e desejos, esperança e fé, Satu persistiu muito no seu sonho que não deu certo, mas realizou seu desejo de longa vida, dizia ela *"aquilo que não pude ser meus filhos serão".* A linha que articula a vida de mãe e filha marca e simboliza trajetórias de persistência, resiliência, desafio e superação.

Referências

CARNEIRO. Fabiana da Silva. Mães negras em luto: Configurações da literatura e da crítica literária diante da violência racista. *Revista de Estudos Culturais* – Edição 4 (2019) – EACH USP - São Paulo.

DIAS, Luciana; HENNING, Carlos Eduardo & SOUZA, Cristiane. Orí e Cabaças são femininas: Mulheres raízes e suas insurgências na intelectualidade brasileira. *Revista Humanidades e Inovação*. v.7, n.25, 2020.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.) Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

Minibiografia do autor: Graduanda do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. E-mail: avelinasila@gmail.com

Para citar este artigo: SILA, Avelina Satu. O pôr-do-sol verde: trajetórias intergeracionais de duas *mulheres raízes* no contexto das lutas de independência da Guiné-Bissau. **AXÉUNILAB: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia.** São Francisco do Conde (BA), vol.02, nº01, p.369-376, jan./jun.2026. (Editoras: Kátia Cilene de Jesus de Oliveira da Paixão (MEL/UNILAB), Magna Suely dos Santos Aquino (MEL, UNILAB) & Valentina Oliveira da Silva (PPGEL/UEFS)